

Concordância com *a gente* à luz da Morfologia Distribuída

Sandra Pereira

Centro de Linguística da Universidade de Lisboa

1. Introdução

Como já foi dito em trabalho anterior (cf. Costa et al. 2001), a expressão *a gente* tem um comportamento especial nas relações de concordância com adjetivos e participios. Vários autores como Menuzzi (2000), Lopes (1999) e Nascimento (1989) defenderam já o estatuto de pronome para esta expressão. Os outros pronomes pessoais, em relações de concordância com adjetivos e participios, comportam-se como é esperado pela Teoria de Verificação de Traços (Chomsky, 1999a). Vejamos, por exemplo, o caso da terceira pessoa:

1. Ele ficou cansado.
2. Ela ficou cansada.
3. Eles ficaram cansados.
4. Elas ficaram cansadas.

A concordância entre o pronome e o adjetivo/particípio é plena.

A *gente* nestas relações de concordância apresenta um comportamento diferente. Note-se que os seus traços gramaticais (que são de terceira pessoa do singular, género feminino) são diferentes dos traços semânticos (representa uma entidade plural, *nós*, que pode referir apenas elementos masculinos, apenas elementos femininos ou elementos masculinos e femininos). Assim, em Português europeu (daqui em diante, PE) podemos encontrar formas do masculino do singular e plural ou do feminino do singular e plural a concordar com esta expressão pronominal. Vejamos¹:

5. E depois, ficámos contentes, que ele não quis que **a gente** ficasse **zangada**.
[PFT21] Adail, 80 anos (em 1994), sabe ler e escrever

¹ Os exemplos fazem parte do CORDIAL-SIN – *Corpus Dialectal com Anotação Sintáctica* (disponíveis em: www.cjul.ul.pt).

6. Quando a gente era **pequenito** e charros a gente (era **jeitoso** para aquilo)².
[PFT37] Abelardo, 38 anos (em 1994)
7. E aquilo é mais uma coisa que a gente fazem (**assentadas**) /**é sentadas**\³.
[MIG50] Andreia, 56 anos, 4ª classe
8. Quando a gente era pequenito e **charros** a gente (era jeitoso para aquilo).
[PFT37] Abelardo, 38 anos (em 1994)

Todos os padrões de concordância são possíveis. Com base nisso, realizámos uns testes para testar esta expressão com falantes do PE (cf. Pereira, 2000). Os resultados gerais, em termos de padrão escolhido para a concordância com *a gente*, são os seguintes⁴:

Masc. Sing. (o)	4,651%
Fem. Sing. (a)	14,825%
Masc. Plur. (os)	64,316%
Fem. Plur. (as)	9,520%
Nulos	6,686%

Note-se, pela análise dos resultados dos testes, que o padrão mais frequente em PE é o masculino do plural (cerca de 64% dos informantes inquiridos acerca destas relações de concordância com *a gente* preferem este padrão, independentemente de serem do sexo masculino ou feminino, como inicialmente se poderia supor). Esse é precisamente o padrão cujos traços gramaticais do adjectivo/particípio são diferentes dos traços gramaticais do pronome; estão, então, activos neste padrão os traços semânticos de *a gente*. A concordância com o masculino do singular parece ser a menos escolhida pelos falantes do PE.

Em Costa et al (2001) demonstrou-se que a Teoria de Verificação de Traços não explica a análise destas concordâncias. O que aqui nos propomos é mostrar em que medida é que um modelo como o da Morfologia Distribuída (daqui em diante, DM, *Distributed Morphology*), proposto por Halle & Marantz (1993), pode explicar estas estruturas no PE.

² Nas normas de transcrição do CORDIAL-SIN estabeleceu-se que, no caso de audições duvidosas, elas seriam anotadas entre parênteses.

³ De acordo com as normas de transcrição do CORDIAL-SIN, uma sequência com dois elementos seguidos em que o primeiro se encontra dentro de parênteses curvos e o segundo dentro de barras oblíquas, significa que se trata de elementos que estão em alternativa.

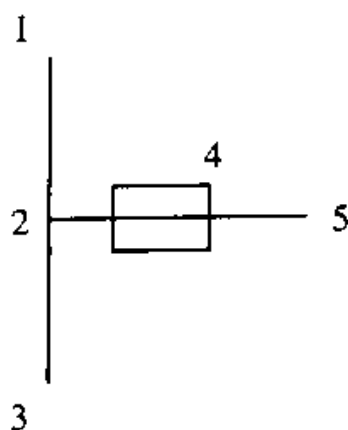
⁴ Estes testes foram realizados para testar a expressão *a gente* e serão integrados na dissertação de mestrado sobre o mesmo tema, a apresentar à Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, intitulada *Gramática Comparada de a gente: variação em Português europeu*.

2. Morfologia Distribuída

A DM é uma teoria da gramática que se baseia em três propriedades fundamentais: a Inserção Tardia (*Late Insertion*), a Subespecificação (*Underspecification*) e a Estrutura Sintáctica Top-Down (*Hierarchical Structure All the Way Down*). A Inserção Tardia significa que só depois da sintaxe é que são inseridas todas as expressões fonológicas. Ou seja, as categorias sintácticas são abstractas, sem conteúdo fonológico e antes de qualquer expressão ser inserida temos apenas traços morfossintácticos. Por Subespecificação (de itens de vocabulário entende-se) que as expressões fonológicas não precisam de estar totalmente especificadas para as posições sintácticas onde irão ser inseridas. A Estrutura Sintáctica Top-Down é a construção hierárquica dos elementos da sintaxe e da morfologia que se combinam e entram no mesmo tipo de estrutura de constituintes (árvores binárias).

O modelo desta teoria pode representar-se da seguinte forma:

Esquema 1:



1. Sintaxe: combina traços morfossintácticos;
2. Spell-Out: faz a ligação com as componentes morfológica (4) e fonológica (5). É em Spell-Out, mais concretamente na componente morfológica, que acontecem todas as operações morfológicas; na componente fonológica ocorrem as regras fonológicas, de Reajustamento, etc.
3. Forma Lógica: não expressa nem representa significado; é apenas um nível de representação que exhibe certas relações estruturais relacionadas com o significado das expressões.

3. Análise dos vários padrões de concordância em PE

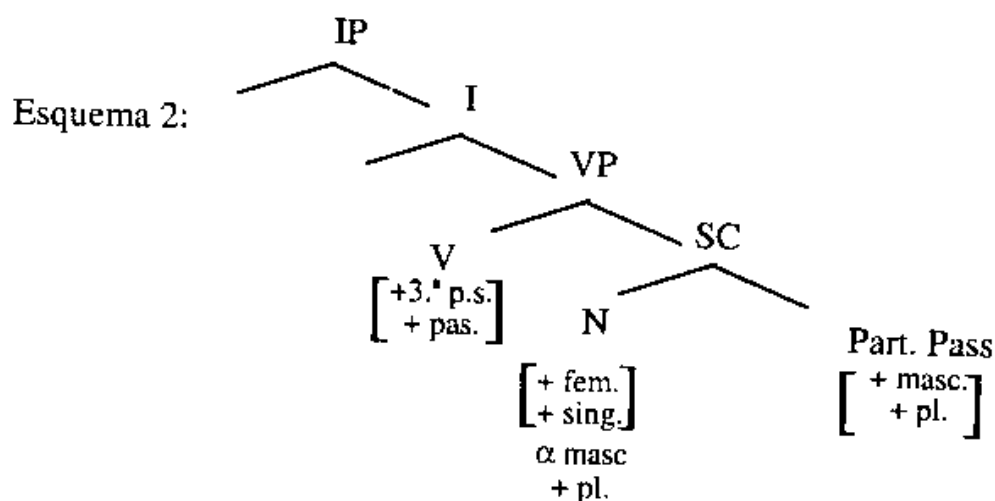
Começaremos por analisar o padrão que, de acordo com os resultados apresentados anteriormente, é o mais comum em PE, ou seja, o masculino do plural. Em seguida trataremos as estruturas com o feminino do singular, com o masculino do singular e, finalmente, com o feminino do plural.

3.1. Masculino do plural

Este padrão é o mais comum em PE e, curiosamente, é aquele em que os traços gramaticais do pronome nada têm a ver com os traços do particípio com o qual concorda. Vejamos, então, a análise desta estrutura à luz da DM:

9. A gente ficou cansados.

Primeira fase: Sintaxe propriamente dita



Os traços presentes nesta estrutura são, no pronome, masculino do plural e, no particípio, masculino do plural⁵. Estes traços são então combinados pela sintaxe, aplicando, sempre que necessário, operações como Compor (*Merge*), Mover (*Move*) e Cópia (*Copy*)⁶. É esse resultado que é enviado posteriormente para a componente seguinte, já em Spell-Out. Note-se que temos na estrutura não só os traços gramaticais do pronome mas também os semânticos. Na análise desta frase são os traços semânticos do pronome que estão activos uma vez que vão ser esses a estabelecer concordância com os traços do particípio.

Segunda fase: Componente Morfológica

Nesta componente são inseridos os morfemas e os itens de vocabulário que formam as expressões fonológicas de acordo com os traços que são enviados na estrutura sintáctica.

⁵ Aqui apresentamos nas estruturas os traços do particípio, sabendo que esses traços são condicionados pela concordância que se estabelece com o pronome.

⁶ As traduções são as de Eduardo Paiva Raposo, usadas no Programa Minimalista. (cf. Chomsky, 1999).

Relativamente aos morfemas, eles podem ser de dois tipos: morfemas-F (correspondem às tradicionais categorias funcionais) e os morfemas-L (são as categorias lexicais). Para esta estrutura, os morfemas-F são: o pronome *a gente*. Os morfemas-L são: *ficar*; *cansa-*. Este último morfema, ao ser mapeado com o item de vocabulário adequado, transforma-se no particípio passado *cansada*. Transforma-se em particípio passado, porque é licenciado por categorias como Verbo e Aspecto; em feminino do singular porque são os traços que vêm da sintaxe. O item de vocabulário a ser inserido é aquele que está de acordo com os traços e os licenciadores do morfema. Note-se que no Spell-Out de morfemas-L há escolha no item de vocabulário a inserir. Assim, para o mesmo morfema (*cansa-*) poderia ser inserido outro item de vocabulário: se estivesse numa relação local com um Determinante, o item seria diferente e o resultado seria um Nome (*cansaço*); se estivesse numa relação local com as categorias Verbo, Aspecto e Tempo, o item de vocabulário seria diferente e o resultado seria uma forma verbal flexionada e temporalizada do verbo cansar.

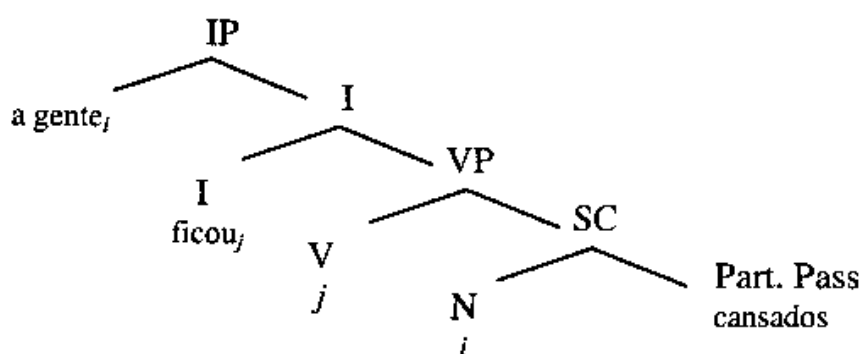
Além dos morfemas, nesta fase também são inseridos os itens de vocabulário. Os itens de vocabulário são a relação entre um segmento fonológico e a informação onde ele será inserido. Um exemplo de item de vocabulário do PE é:

/s/ <-> [__, + plural]

Ou seja, insere-se aquele item de vocabulário no contexto em que a sintaxe fornece traços do plural.

A estrutura em Spell-Out é a seguinte, como mostra o esquema 3:

Esquema 3:



O item de vocabulário inserido no particípio passado é de masculino do plural porque esses são os traços fornecidos pela sintaxe.

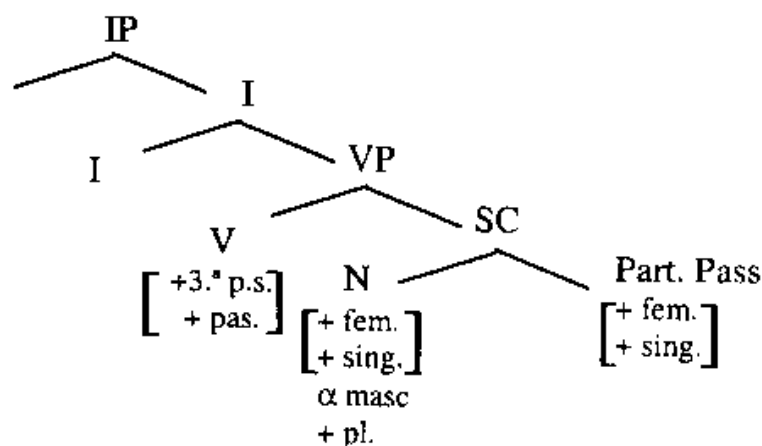
Saliente-se que nesta componente já ocorreram todas as operações sintáticas e já temos expressões fonológicas e não apenas traços; é aqui que se aplicam as regras fonológicas, de Reajustamento e outras, sempre que necessário.

3.2. Feminino do singular

10. A gente ficou cansada.

Primeira fase: Sintaxe propriamente dita

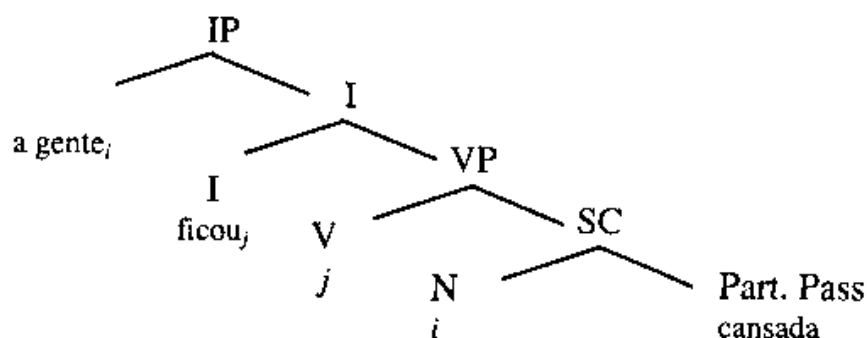
Esquema 4:



Saliente-se que os traços gramaticais de género e número do pronome são coincidentes com os do particípio passado. A concordância estabelece-se entre os traços gramaticais do pronome e do particípio.

Segunda Fase: Componente morfológica

Esquema 5:



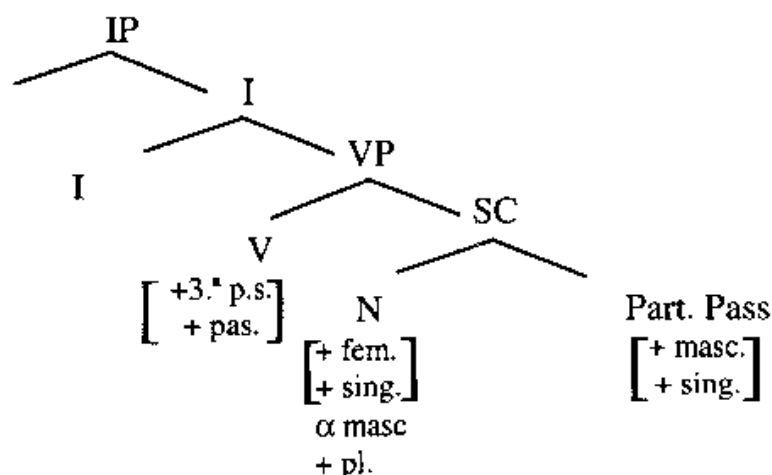
O item de vocabulário inserido no particípio passado está de acordo com a informação fornecida pela sintaxe e com a concordância com o pronome. Note-se que o morfema-F inserido é sempre o mesmo, independentemente dos traços que estão especificados na componente sintáctica, uma vez que ele contém em si todos esses traços ditados pela sintaxe, sejam eles semânticos ou gramaticais.

3.3. Masculino do singular

11. A gente ficou cansado.

Primeira fase: Sintaxe propriamente dita

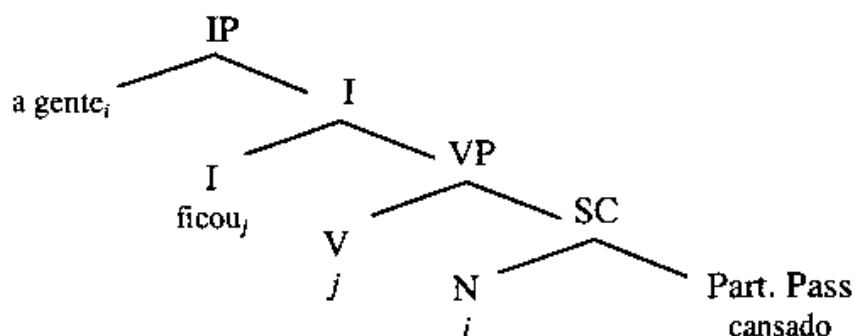
Esquema 6:



Note-se que os traços gramaticais do pronome são diferentes dos traços gramaticais do particípio passado. Como todas as operações sintácticas ocorrem antes da inserção dos morfemas e dos itens de vocabulário, não há conflito: o traço gramatical [+sing] e o traço semântico [+masc] do pronome estabelecem a concordância com o particípio. Como já foi dito, nesta fase, só ainda temos presentes categorias sintácticas abstractas, sem qualquer conteúdo fonológico. É por isso que apenas uma teoria com base na inserção tardia parece conveniente para a explicação destas estruturas em PE.

Segunda fase: Componente morfológica

Esquema 7:



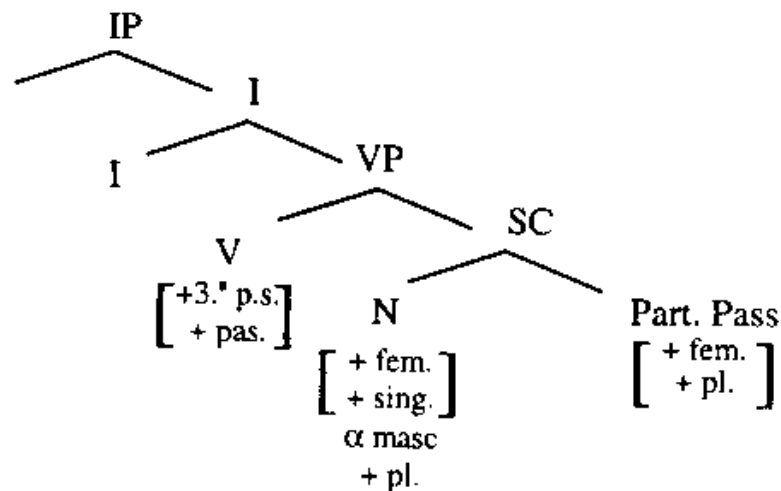
O item de vocabulário que foi inserido na derivação de (10) era diferente, devido à diferença nos traços que foram fornecidos pela sintaxe. Aqui o resultado é o masculino do singular do particípio passado do verbo *cansar*.

3.4. Feminino do plural

12. A gente ficou *cansadas*.

Primeira fase: Sintaxe propriamente dita

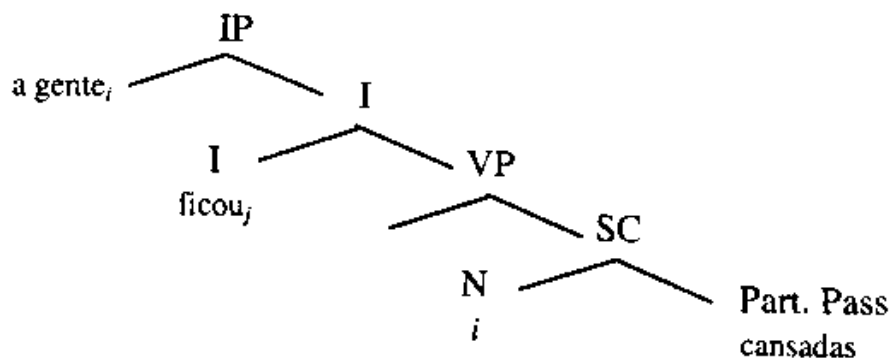
Esquema 8:



Neste caso, os traços gramaticais de género coincidem, mas os de número não. A concordância faz-se entre o traço gramatical de género e o traço semântico de número do pronome e os traços do particípio. Os morfemas e os itens de vocabulário são inseridos depois de terem sido aplicadas todas as operações sintáticas necessárias.

Segunda fase: Componente morfológica

Esquema 9:



O item de vocabulário do particípio aqui inserido é diferente daqueles que foram inseridos em (10) e (11). Na base disto está a diferença nos traços do pronome fornecidos pela componente sintáctica que irão estabelecer concordância com o particípio.

Consideramos, assim, que este pode ser um caminho para a análise destas estruturas em PE. Se a esta análise adicionarmos a derivação por fases, proposta por Chomsky (1999b), parece-nos que teremos a análise destas estruturas do PE. Em frases como as abaixo apresentadas, os traços do pronome, dentro do domínio da oração pequena, concordam com os traços do adjectivo/particípio, através da operação *Agree* (é uma operação que permite que, numa relação de concordância entre um elemento α e um elemento β , os traços não interpretáveis de um elemento se apaguem. Cf. Chomsky, 1999b:3). Note-se que na sintaxe propriamente dita, apenas temos traços; todas as operações sintácticas decorrem antes de Spell-Out. Depois de inseridos todos os morfemas e itens de vocabulário, já em Spell-Out, segundo a DM, a estrutura das frases é a seguinte:

13. [CP [IP a gentei estáj [VP j [SC i cansada]]]]
14. [CP [IP a gentei estáj [VP j [SC i cansado]]]]
15. [CP [IP a gentei estáj [VP j [SC i cansadas]]]]
16. [CP [IP a gentei estáj [VP j [SC i cansados]]]]

Em 13) são os traços gramaticais de *a gente* que estabelecem concordância com o particípio; em 14) são os traços gramaticais de número e os traços semânticos de pessoa; em 15) são os traços gramaticais de género e os semânticos de número; em 16) são os traços semânticos. De acordo com a derivação por fases, os traços que não têm interpretação e, por isso, não estabelecem concordância são apagados da estrutura. Em seguida, essa fase é enviada para Spell-Out e é bloqueada: já não está acessível para o resto da derivação. É nesta altura que acontecem as operações sintácticas e, então, já dentro do domínio de IP, *a gente* estabelece concordância com o verbo: se o verbo está no plural, encontram-se activados os traços semânticos do pronome; se o verbo está no singular, são os traços gramaticais que estão activos.

4. Conclusão

A conjugação entre a inserção tardia da DM e a derivação por fases parece ser o caminho ainda a explorar para a análise destas estruturas. Podemos sempre pensar que há duas gramáticas de *a gente* em PE: uma em que se desencadeia a concordância com o singular e outra em que a concordância se faz com o plural. Relativamente ao género, podemos admitir que este traço está subespecificado, como propõe Lopes (1999:31), como estão os traços de *eu, tu, nós* e *vós*. Simultaneamente, podemos analisar *a gente* segundo a geometria de traços para o subsistema

dos pronomes nominativos, proposta por Duarte et al (2002). Trata-se de um modelo consistente com a arquitectura de geometria de traços da fonologia e que arrasta para a morfologia os princípios de subespecificação. Assim, em PE, o pronome *a gente*, naquela geometria, apresenta os seguintes traços: [+falante, +proximidade, Grupo, Classe]. A relação deste pronome com a categoria Agr é mediada pela operação *Agree*, que funciona por *matching* (identificação/identidade de traços cf. Chomsky. 1999b). Esta geometria de traços na morfologia parece, então, contribuir para uma análise mais completa das estruturas com *a gente* em PE.

5. Bibliografia

- Chomsky, N. 1999a. *O Programa Minimalista*. Lisboa, Caminho (trad., apres., e notas à tradução de Eduardo Paiva Raposo)
- Chomsky, N. 1999b. "Derivation by Phase". MIT Occasional Papers in Linguistics. Number 18.
- Costa, J., D. Moura & S. Pereira. 2001. Concordância com *a gente*: um problema para a teoria de verificação de traços. In *Actas do XVI Encontro Nacional da Associação Portuguesa de Linguística, Setembro de 2001*.
- Duarte, Inês, M. João Freitas, Anabela Gonçalves, Matilde Miguel & Celeste Rodrigues. 2002. "Geometria de traços e distribuição de pronomes sujeito em PE e em PB", comunicação apresentada ao 3.º Workshop do Projecto PE-PB. Lisboa, 23-25 Setembro.
- Halle, M. & A. Marantz. 1993. "Distributed Morphology". In Keyser, J. (ed) *The View from Building 20*. Cambridge. MIT Press.
- Lopes, Célia. 1999. *A inserção de a gente no quadro pronominal do português: percurso histórico*. Dissertação de doutoramento, Universidade Federal do Rio de Janeiro.
- Menuzzi, Sérgio. 2000. "First Person Plural Anaphora in Brazilian Portuguese: chains and constraint interaction in binding". In João Costa (ed) *Portuguese Syntax. New Comparative Studies*. Oxford University Press.
- Pereira, Sandra. 2000. "A gente: acordos e desacordos". Trabalho feito no âmbito de um seminário do mestrado em Linguística Comparada (a inserir na dissertação de mestrado acerca do mesmo tema).